

**Memória coletiva no imaginário do catolicismo popular:
uma experiência com o sagrado na romaria do Círio de Nazaré¹.**

**Collective memory in the imagination of popular Catholicism:
an experience with the sacred in the pilgrimage of Círio de Nazaré**

Willa da Silva dos Prazeres
Universidade do Estado do Pará
Belém-Brasil

Lídia Maria da Costa Valle
Universidade do Estado do Pará
Belém-Brasil

Denise Santos de Figueiredo Valle
Universidade do Estado do Pará
Belém-Brasil

Resumo

A romaria do Círio de Nazaré configura-se como um fenômeno religioso, rico no complexo mitológico-ritual, retratado a cada ano de forma circular com base no mito de achado da santa peregrina. Hoje os momentos e celebrações da festa, assim como seus símbolos e ícones, são objetos de adoração e devoção, de resgate de uma memória coletiva religiosa, passada e repassada como herança histórica e identitária de um povo nazareno. O presente trabalho visa a tratar desse fenômeno enquanto experiência com o sagrado como objeto de memória e identidade nacional local no imaginário do catolicismo popular paraense. Busca-se compreender o imaginário que norteia os espaços sagrados e profanos da festa, assim como os principais ritos de passagem da celebração à Nossa Senhora.

Palavras-chaves: Cultura nazarena; Mito fundacional; Tempo festivo.

Abstract

The pilgrimage of Círio de Nazaré is configured as a religious phenomenon, rich in the mythological-ritual complex, portrayed each year in a circular form based on the myth of the finding of the pilgrim saint. Today the moments and celebrations of the party, as well as its symbols and icons, are objects of worship and devotion, of a collective religious memory rescue, passed on as the historical heritage and identity of a Nazarene people. The present work aims to deal with this

¹ Artigo construído a partir de Comunicação Oral apresentada no IV Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia: Religião, Resistência e Direitos Humanos, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes / Universidade Federal de Alagoas (ICHCA-UFAL) - Maceió, AL, de 12 a 14 de novembro de 2018.

phenomenon as an experience with the sacred as an object of memory and local national identity in the imagination of Pará Catholicism. It seeks to understand the imaginary that guides the sacred and profane spaces of the festival, as well as the main rites of passage of the celebration to Our Lady.

Keywords: Nazarene culture; Myth of foundation; Festive time.

Introdução

O **Natal dos Paraenses** é como os devotos de Nossa Senhora de Nazaré reconhecem e referem-se à maior romaria popular religiosa brasileira: a Festa do Círio de Nazaré. Conhecido assim, por representar e exaltar no paraense o mesmo sentimento dos festejos natalinos para a comunidade universal, com menor valor comercial, mas com tradições similares: a mesa farta, os presentes, o sentimento de **Feliz Círio**, a espera da própria “Senhora”. A renovação não só do espírito, mas de bens físicos, como o que acontece na virada do ano, expressada pelas roupas novas, casa e móveis novos (ROCQUE, 2014, p. 11). O Círio é reconhecido em nível nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), como patrimônio imaterial de cultura.

Um evento do povo para o povo, como afirmam as literaturas acerca da festa, diferente das procissões religiosas ordenadas e classistas, foi escolhido e eleito pelo povo como o dia máximo à **Nossa Nazinha** (MAUÉS, 2011; ROCQUE, 2014; LATIF, 2014, RAMOS, 2015). Rocque (2014) aponta que a composição da festa sofreu inúmeras transformações e ganhou novos elementos: o traslado mudou, o dia, os horários e as formas de homenagens, assim como a inserção de novos símbolos e ícones desde sua primeira edição, em 1793, tornando-se um “complexo ritual” religioso (ALVES, 2005, p. 315).

Ao se considerar as transformações ao longo das festividades, destaca-se os mitos ocidentais, principalmente, os que sobreviveram à revolução tecnológica das comunicações de massa e de consumo, alterações criadas a fim de diminuir seu esvaziamento e do rapto do sentimento mítico original, o qual cria novos adereços para alimentar uma nova fonte de sentido identitário (LATIF, 2014, p. 25).

Essa identidade pode ser caracterizada como a do sujeito sociológico de que trata Stuart Hall (2003), como aquele que cria sua identidade a partir de relações sociais com aqueles sujeitos importantes, com símbolos, valores e sentidos, nutrientes da cultura, onde diversos elementos inseridos na romaria e os artigos transformados agem como um gatilho para a memória, um fator externo a transportar seu receptor para o lugar, espaço e tempo do evento observado, o qual possibilita ao receptor e/ou grupo identificar-se e ver-se no conjunto da própria representação (POLLAK, 1992, p. 201).

Com quinze dias de festa, fora a romaria oficial, o Círio de Nazaré consta de uma sequência de rituais, manifestações e atrações para os devotos, visitantes e turistas. São realizadas 12 romarias oficiais, um ciclo de celebrações religiosas e místicas, com aspectos

que entrelaçam o sagrado e o profano numa dimensão moderna. Nesse entrelace, é comum, na prática religiosa, associar a fé à festa, fazer da reza um ritual festivo e colorido com um objetivo comum, a saber, cumprir sua missão, com alegria e seriedade, a partir do mito de origem.

Hoje, essa romaria é a representação de uma cultura, um complexo mitológico-ritual (LATIF, 2014, p. 38), a própria descrição de uma cultura, a transmitir conhecimento, experiência e hábitos de um conjunto complexo de indivíduos, de um povo, por meio de mitos, ritos e manifestações de fé. Processo que atravessa gerações, as quais se unem em torno de uma fé maior, o “Divino”, Nossa Senhora de Nazaré, o qual ultrapassa o tempo e molda seus novos devotos, se transfere para espaços e tempos diversos, onde o sagrado se manifesta conforme a ação e crença do fiel.

Pollak (1992, p. 201) elucida que recursos externos podem trazer à tona memórias individuais (momentos fora de seu tempo, herdadas), memórias coletivas de eventos políticos, religiosos (esquecidos ou mesmo silenciados). Fenômenos construídos a partir de flutuações históricas, de transformações econômicas, sociais, políticas e étnicas criam uma memória coletiva inserida em monumentos ou documentos da coletividade, como patrimônios arquitetônicos, paisagens, datas e personagens históricas, cuja importância é lembrada nas tradições e cultura de um povo, a qual dita a hierarquia das memórias comuns a um grupo e as diferencia das demais memórias de outros grupos, possibilitando o sentimento de pertencimento e identidade (HALBWACHS, 1990, p. 96).

Desse modo, a cultura nazarena atua como uma identidade nacional, local, que, mesmo com a globalização e suas atenuantes mudanças na sociedade moderna, permanece viva e sentida por todos os fiéis, e até por aqueles ditos não crentes, nos milagres e sentimentos aflorados na romaria, no caminhar com a santa, ou como um dos versos cantados no dia máximo a Ela: “Maria! Venha caminhar com seu povo!”. Essa grandiosa manifestação de fé, tanto numérica quanto estética, funda-se, principalmente, no mito do achado da peregrina na capital paraense, com elementos que se entrelaçam entre a devoção católica portuguesa e a devoção nazarena do catolicismo popular.

Na capital paraense, em Belém, a cultura de venerar a santa surgiu, segundo alguns autores (FRUGOLI & BUENO, 2014; FIGUEIREDO, 2005; MAUÉS, 2000; BONNAR, 1993), com o caboclo Plácido, que encontrou a imagem da santa em 1700, dando origem à procissão. A veneração à Nossa Senhora de Nazaré surgiu séculos antes do seu achado, em Vigia, no entanto, é com o Círio que ganha uma imensurável repercussão, graças à decisiva participação popular, as lendas em torno da imagem, assim como os milagres atribuídos a ela. Em 08 de setembro de 1793, numa quarta-feira à tarde, a primeira procissão oficial do

Círio ocorreu em conjunto a uma feira de produtos agrícolas, organizada pelo presidente da província, Francisco de Sousa Coutinho (AMARAL, 1998).

Segundo Maués (2011, p.14), além de já cultuada em Vigia, no Pará, a santa também era cultuada muito antes disso em Portugal, em 1179, com Dom Fuas Roupino. Atualmente, pode-se visualizar os possíveis locais do achado e início da devoção no decorrer do traslado da romaria, com seus carros dos milagres (alusão ao milagre de Dom Fuas), com os cânticos, barcos e lembranças da festa.

Mas é na capital paraense que o primeiro Círio ocorre com a ritualização do mito, como romaria, a deslocar a santa de um ponto a outro, assim como seus fiéis que peregrinam de sua cidade natal até a capital, ritualizam e sacralizam a cidade como um todo. Um momento fascinante e imensurável para o fiel pagador de promessas. Desde sua primeira aparição, cria-se um imaginário repleto de história, espacialidade, personagens, imagens simbólicas e ícones do sagrado.

A romaria estende-se por 15 dias, com a realização de 11 romarias menores mais a romaria principal do Círio: o **Traslado**, o percurso da Basílica de Nazaré pelas ruas da cidade até a igreja matriz, no município de Ananindeua; **Romaria Rodoviária**, do Município de Ananindeua para Vila de Icoaraci; **Romaria Fluvial**, da Vila de Icoaraci, pela Baía do Guajará, para o Porto de Belém; **Moto-Romaria**, de moto do porto até o Colégio Gentil Bittencourt; **Transladação**, a procissão a luz de velas, na qual recorda-se o mito do retorno, da Basílica de Nazaré para a Catedral Metropolitana.

A **Procissão do Círio**, a festa maior, com início às sete horas da manhã com a entrada da santa na Berlinda, culminando com a chegada na Basílica, dando início ao almoço do Círio; **Ciclo-Romaria**, realizada no sábado posterior ao Círio, com saída da Praça Santuário; **Romaria da Juventude**, comunidades juvenis de várias paróquias se reúnem para louvar a imagem; **Romaria das Crianças**, no primeiro domingo após o Círio; **Romaria dos Corredores**, corrida de pouca velocidade de 8 a 9 km/h para acompanhar a santa; **Procissão da Festa**, realizada na manhã do segundo domingo após o círio; **Recírio**, a procissão de despedida.

A partir do término do Círio do ano corrente, o povo paraense espera durante os 11 meses seguintes do ano, pela próxima festa. Conta-se cada dia, desde a apresentação do cartaz oficial até o dia principal, o domingo de Círio e seu término, com a volta da santa à sua morada, o Recírio, revivendo a cada ano o mito e a tradição de seu achado.

Todos os elementos que compõem o complexo mitológico-ritual, as romarias, traslado, homenagens, espaços sagrados e profanos, igrejas, as imagens, fotografias, propagandas e publicidade, a mídia, os cânticos, e variadas lembrancinhas, detêm o poder de instalar-se na memória do receptor devido o seu caráter repetitivo retórico, mesmo não

estando no momento da romaria, tais elementos levam ao momento crucial da romaria. Halbwachs (1990, p. 55), em suas pesquisas a respeito de memória coletiva, enfatizava que a memória está diretamente ligada aos “fatos sociais”, pois interage com a consciência individual e, posteriormente, com o modo de agir do sujeito no convívio em sociedade, e vice-versa. Desse modo, promove uma “construção social”, organizada a partir das afinidades cultivadas entre indivíduos e grupos, o sujeito só se recorda quando participa de algum grupo social (RIOS, 2013, p. 04), como de um grupo religioso, a herdar a memória/história da crença que se construiu o fenômeno religioso.

Para Pollak (1989a; 1992b), a construção da memória, seja individual ou coletiva, parte de três elementos indispensáveis, os acontecimentos, as pessoas ou personagens e os lugares. Os acontecimentos como eventos dos quais as pessoas poderiam ou não ter participado, sozinhas ou em grupo, ou um evento herdado via oralidade; os personagens, aqueles que integram as lembranças, os atores chave do processo; e o lugar onde o fato aconteceu, presente ou passado. Esses três elementos acabam por caracterizar a dita identidade nazarena.

Este artigo visa a contribuir para análise do fenômeno religioso e suas construções na maior romaria nazarena do mundo, objeto de fé e devoção, de resistência e identidade nacional. Onde o sagrado e o profano, mito e rito, “Nazinha” e os fiéis, unem-se e se consolidam como objetos de resgate de uma memória coletiva herdada e marcada como uma identidade da cultura nazarena. Vivida e revivida por todos os devotos, presentes ou não na festa, como forma de experiência com o numinoso.

1. Outubro festivo: o imaginário religioso nos espaços profanos na festa da Nazinha

A experiência religiosa, antes de tudo, é uma experiência humana e relacional, com os mundos, homens e sociedade. Assim como é participativa e grupal, vivida e revivida a cada momento que é expressa, seja, por palavras, gestos ou narrativas. É a partir dela que o sujeito de fé interage com o *numinoso* (a padroeira do Pará) na busca de vivenciar o “Totalmente Outro”, o sagrado, de reviver os passos dos seres divinos. Nesse contexto quem assume o papel desse **outro** é a nossa Senhora de Nazaré, com seus Mistérios fundantes, a provocar nos fiéis os mais enlouquecedores sentimentos, e elementos pertencentes ao *numem*.

Nazinha provoca nos seus devotos o chamado *Tremendum* de Rodolfo Otto (1900), mesmo o autor não tendo tido conhecimento ou presenciado esse evento, pode-se fazer uma relação das suas teorias com os momentos que os fiéis vivem no mês de outubro na capital paraense. Os elementos do numinoso podem ser descritos e observados nos diversos espaços

profanos/sagrados em que a santa passa, assim como em suas linguagens religiosas (símbolos, mitos e ritos). Uma festa que mexe com os sentimentos, cria um vínculo eterno entre o devoto e o devotado, um sentimento que enche a alma, de submissão e benevolência, de amor e ódio, de fé e temor pelo desconhecido, impalpável e incalculável. Otto o chama de *Misterium Tremendum*:

Sentimento do mistério que causa arrepios. O sentimento que provoca pode espalhar-se na alma como uma onda apaziguadora, a que se segue então a vaga quietude de um profundo recolhimento. Este sentimento pode assim transformar-se num estado de alma constantemente fluido, semelhante a uma ressonância que se prolonga durante muito tempo, mas que acaba por extinguir-se na alma que retoma seu estado profano. [...] Pode levar a estranhas excitações, ao inebriamento, aos arrebatamentos, ao êxtase (OTTO, 1900, p. 22).

Esses ditos espaços profanos e sagrados são qualificados não pela sua impureza, mas pela experiência que o homem tem com ele, principalmente, o homem não religioso, que não vive a sacralidade do mundo. Um espaço sagrado permite a existência e a experiência com um “ponto fixo” no meio da fluidez informe do espaço profano, um ponto de orientação ao mundo caótico, no “Caos”, um *Imago Mundi* ou *Axis Mundi*², um lugar sagrado para o universo sagrado do ser, cria níveis entre a terra e o céu, uma comunicação com o transcendente. Opondo-se aos sagrados, há os espaços profanos que permitem uma experiência homogenia e relativa do espaço, sem orientação, não goza de sacralidade, apenas atende as necessidades diárias do seu vivente, são apenas fragmentos de universos, pelos quais ele passa, sem nenhuma ligação emocional.

Outro aspecto a ressaltar para analisar as discussões propostas neste artigo seria a definição de tempo, sagrado e profano, ambos descontínuos e heterogêneos, que marcam o tempo das festas, o tempo ordinário, quando o religioso vive sua fé, mais vigorosamente em certos períodos, como no caso do Círio, quando o tempo de fé e os espaços sagrados, antes profanos, são marcados pelas hierofanias de outubro. O tempo sagrado é um tempo reversível mítico tornado presente, reatualizado em um evento sagrado que teve lugar num tempo passado mítico. Marca a saída do tempo ordinário e a reintegração do tempo mítico e, na cultura paraense, marca o início e o fim de um ciclo, repetitivo anualmente como na festa ciriana, não muda nem se esgota. Todo ano, a fé dos devotos se renova e os sentimentos de gratidão, amor, plenitude, benevolência, fervor, o *misterum tremendum* floresce em cada cristão e até aqueles de outras religiões e sem religiões se comovem e interagem indiretamente com esse grandioso evento.

² Eliade explana que para um lugar tornar-se sagrado necessita de algo ou alguém que o sacralize, de um objeto ou totem, o *Axis Mundi*, que liga o mundo terreno ao mundo dos “Céus”, e os locais, como templos, palácios ou a própria casa são os chamados *Imago Mundi* do homem religioso e todos que buscam a experiência religiosa e o contato com o “outro”. O sagrado e o Profano, 1992, p. 24.

Logo, vivenciar o tempo sagrado é viver o tempo divino, o tempo dos seres sagrados. Aqui, o tempo do achado de nossa padroeira, antes do “totalmente outro”, não existia a festa, de acordo com o Dossiê do Círio do IPHAN (2015), a devoção à santa advém da cultura portuguesa, principalmente, com Dom Fuas a presenciar um misto de sentimentos, ao clamar por um milagre, o *Mysterium Tremendum*, terror, clamor, amor, piedade, benevolência com presença sagrada da santa naquele momento. Do caos, surge o sagrado, o cosmo, o ponto fixo ou Centro do sagrado, o mundo profano é transcendido, o que antes era um local de pré-morte, um penhasco, agora o limiar³, a porta para o divino, o limite entre os dois mundos.

Os acontecimentos de Portugal a Belém, de certa forma, são revividos no coração do povo a acompanhar as manifestações, a peregrina de sua cidade natal até a capital, a ritualiza e sacraliza a cidade como um todo. Um momento fascinante e imensurável para o fiel pagador de promessas. Para Eliade (1992, p. 38), esse momento ou *ab origine in no tempore* é um tempo sagrado, na forma de um tempo circular, reversível e recuperável, um eterno mítico presente que o homem reintegra por meio do rito, marca também o ser que o vive, o homem religioso e o não religioso, um recusa-se a viver no presente histórico, busca relacionar-se com o sagrado dentro de si e com o além, com a “eternidade”, o mistério do transcendente. Igualmente e diferentemente, o tempo profano, que para o não religioso é apenas o tempo de trabalho, lazer, férias, de contexto pessoal, esse tempo é apenas uma experiência humana sem interferência divina, e existencial, com começo, meio e fim, com a morte, o fim da sua própria existência no mundo terreno.

Algo estranho e desconcertante, fora dos domínios das coisas habituais, conhecidas e familiares, se opõe a ordem das coisas, enche de espanto que paralisa. Necessita da imaginação do ser religioso para criar a representação do que seria esse **outro**, inexistente na realidade, e ao se reconhecer como sagrado, divino, rico em sentimentos, opondo-se ao natural, revelando-se como sobrenatural ou transcendente (designações positivas quando aplicadas ao misterioso), tornando viva uma realidade inexistente, e até inalcançável como a realidade da aparição da padroeira no Pará, em solo profano, do cotidiano dos moradores da época, que passa a ser sagrado a partir desse evento.

A energia que emana de tudo relacionado à santa provoca no sujeito e no povo religioso um caleidoscópio de emoções, uma “Orgê”, que motiva o religioso, uma cólera de amor, de paixão, de sensibilidade, vontade de força, de impulso, uma força sobre-humana. Pode-se presenciar e constatar a existência dessa energia que emana nos promesseiros, que percorrem milhares de quilômetros a pé, de bicicletas, com artefatos grandiosos com o

³ “O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado”. Eliade, 1992, pag. 19.

intuito de agradecer. É um elemento do numinoso cuja experiência põe os religiosos em estado de atividade, de ação, que excita o zelo, provoca excitação e energia, seja na luta cotidiana ou nos atos religiosos, é o *Tremendum Majestas*⁴.

A festa engloba dois mundos opostos e complementares, o sagrado com as cerimônias, romarias, peregrinações e “pagamento de promessas”; e o profano, com o arraial, músicas diversas, comerciantes, ambulantes, locais para o entretenimento e lazer dos visitantes e turistas que buscam diversão; com as festas memores como a da Chiquita e o próprio almoço do domingo. Tal como foi explanado a respeito do limiar que se instaurou no penhasco de Dom Fuas, os espaços onde ocorre a festa nazarena e os locais de passagem também marcam o novo limiar desses mundos, inúmeros locais de comunicação ou de mediação com a Nazinha (as igrejas pelas quais ela peregrina nos 15 dias de festa, as avenidas e ruas que passa por toda capital), tal como é nele que se oferecem os sacrifícios, que se agradece o milagre concedido.

Com mais de dois séculos de história, marcada pela motivação e reafirmação da fé em Nossa Senhora de Nazaré, a festa, nutre a esperança e o sentido da vida, da proteção aos riscos, quebra o individualismo exacerbado que compromete o equilíbrio entre o público e privado. O Natal do paraense, a festa que une homem e fé, que marca o início e fim do ano, Figueiredo (2005) a define como uma mistura de carnaval com procissão religiosa, para ele:

São várias “festas”, não duplas, nem contraditórias, mas múltiplas. A principal personagem é a santa, que está em todos os lugares. Aqui e ali, nas casas, no interior de oratórios ou em cima da cômoda, seja a imagem em gesso, seja o “retrato”. Está na parede externa das casas nos cartazes cujos motivos mudam a cada ano. Está também nas pessoas, nos botons, e broches, nos bonés, nas camisas, nas fitinhas, tudo com a estampa ou com o nome “Nossa Senhora de Nazaré” (FIQUEIREDO, 2005, p.20).

As festas criam espaços para uma comunidade e sociedade, transforma a vida cotidiana de todos eliminando o comodismo, proporciona nas pessoas sentimento que já foram explanados anteriormente. Une mundo sagrado festivo, seus participantes vivem intensamente cada momento da festa seja sagrada ou não, se unem e se comunicam no mesmo fervor. Desperta o sentido profundo na consciência de um grupo, culturaliza, gera modelos de ação e novos produtos de consumo. É um grandioso evento marcado pelo profano e sagrado, juntos, interlaçados na fé e no espírito festivo de seus participantes, observa-se essa junção de dois mundos, principalmente nos símbolos do círio: arraial, com

⁴ O segundo elemento do numinoso, “o de poder, de força, de preponderância, de preponderância absoluta”, majestade. Logo *Tremendum Majestas*, temor a majestade, de forma literal, temor a algo maior de certa grandeza, que provoca no *homo religiosus* sentimentos existencialistas de si e dos outros, a humildade religiosa, o sentimento do nada da criatura, onde o nada é tudo ao mesmo tempo, tem-se os sentimentos de submissão e dependência com o “Totalmente outro”, o mistério transcende a realidade e vira uma nova, a criatura, agora nada perante o sagrado, vê em tudo *majestas*. Otto, III Capítulo: Elementos do Numinoso.

um misto de adoração e entretenimento; festa da chiquita, como a festa literalmente profana da santa; almoço do círio, mais esperados por todos, devotos ou não, que baliza a caminhada maior, onde todos estão liberados para o comensalismo e comemoração da chegada da santa a sua “casa”.

2. Do caos ao cosmo: os passos e símbolos cirianos que consagram os espaços profanos no sagrado

Hoje, a festa do Círio tem quinze dias de duração, sendo as principais manifestações e procissões na semana do círio, em que a “imagem peregrina” é levada em carreata pelos principais pontos da capital. Começa o tempo sagrado de Nossa Senhora e a peregrinação do Cosmo, ou a criação de outro mundo no qual a santa “caminha”, sacralizando um território que rompe fronteiras, cosmogonizando-o, permitindo ao *homo religiosus* viver, passar pela experiência do mistério na presença dela, onde tudo é em prol da sua passagem. Na sexta-feira, ela sai da Basílica Suntuário e passa pelas avenidas Nazaré, Magalhães Barata, Almirante Barroso e BR-316 rumo a Ananindeua e Marituba, percorre os conjuntos residenciais da Cidade Nova e Paar, onde passa a noite em vigília na Igreja Nossa Senhora das Graças.

Na manhã de sábado, a imagem é levada em romaria rodoviária a Icoaraci, onde milhares de fiéis a aguardam para celebração da missa e, após a imagem embarcar, segue viagem na romaria fluvial para Praça Pedro Teixeira, com chegada à escadinha do Cais do Porto. Então, começa a moto-romaria, que segue para o Colégio Gentil Bittencourt. Na noite de sábado, ocorre a transladação, a procissão à luz de velas, após a missa das 17:00h, no Colégio, os fiéis se dirigem à Igreja da Sé, fazendo o trajeto inverso da procissão do domingo e, finalmente, o Círio no domingo, seguido do almoço festivo e, após quinze dias ao Círio, acontece o Recírio, o retorno da imagem peregrina a sua casa.

Para Figueiredo, os principais deslocamentos por que a santa passa são quatro: a romaria fluvial, a transladação, o Círio e o Recírio. Amaral (1998) considera as procissões do Círio, o arraial e o almoço do Círio, os principais eventos, os mais significativos da festa como um todo. Observa-se como o início e o término de um ciclo de espaços e fragmentos de passagem sacralizados com a peregrinação da santa. A cidade se torna outro mundo, outro cosmo, onde o caos não existe mais, e se existe está por de trás das fronteiras territoriais locais. A cidade se veste de luz, fé e devoção. O simbolismo é fortemente presente em todos os cantos do estado e fora, para aqueles que o vivem em seu pequeno templo sagrado nas suas moradas, revivendo seus momentos ou mitos cosmogônicos⁵.

⁵ Eliade em seu Livro “Aspectos do mito” explana que os mitos cosmogônicos são um modelo para o comportamento humano, com significado e valor existencial, com função social, na iniciação dos jovens homens e mulheres, do sexo, da morte, e da própria pós morte. O mito da esperança, na crença de outros mundos terrenos ou plenos, transsignifica ou reinterpreta por meio dos símbolos, conta uma história sagrada,

É a santa que sacraliza e consagra por onde passa, ela é o eixo central, ou o eixo cósmico que Eliade (1992, p. 23) exemplifica, tal como o poste sagrado (*kauwa auwa*) dos *Arunta*, onde vive a tradição do Ser divino *Numbakula*. Relaciona-se com um dos principais ritos e tradição cirianos, as chamadas novenas nazarenas, nas quais os fiéis recebem na sua casa a imagem da santa para abençoar aquela morada, tornando-a sagrada aos olhos do povo e de Deus. Assim como o poste sagrado sustenta e une o Céu e Terra para os *Arunta*, qualificando-se como seu *Axis Mundi*, a imagem peregrina também o representa, pois guia os devotos, e é a sua comunicação direta com o supremo.

Na festa religiosa, existem signos e ritos, considerados como elementos simbólicos da devoção nazarena, como a corda, a berlinda, o cartaz, as fitinhas e *souvenirs* vendidos nesse período. Existem também os eventos, como o Arrastão do Pavulagem, o Arraial, Romaria Fluvial, Festa da Chiquita, o Almoço do Círio e o Recírio. A experiência religiosa com o símbolo é um fenômeno grupal, participativa, sendo esse fenômeno a própria festa, uma vez que a experiência tende à expressão religiosa, uma nova vivência do mistério para o novo ouvinte, podendo ser recriado pelos símbolos, mitos e ritos. Logo, para se chegar ao Sagrado, necessita-se de algo para mediar essa comunicação, algo entre o ser religioso e o Sagrado.

- O ARRAIAL

O Arraial é o espaço de maior concentração de pessoas, de encontros familiares, de casais e de amigos, contrapondo os dois lados da festa, sagrado e profano, ao mesmo tempo em que a festa é um local para adoração à santa. É um espaço para lazer e entretenimento dos cristãos, devotos ou não, pois abarcam vários tipos de pessoas – crianças, jovens, adultos, idosos, turistas, devotos, não cristãos etc. – um misto de culturas, sendo um dos adereços do Círio criados para incrementar a economia local. Inicialmente era uma feira agrícola, hoje faz parte do grandioso complexo do Largo de Nazaré, com barracas de comidas, bares, jogos, teatros e claro, o parque de diversão, um dos atrativos mais esperados pela população paraense dentro das festividades, assim como as barracas de brinquedos de miriti.

Nesse local, circulam diversas camadas sociais, a circularidade cultural predomina em todos os ambientes de manifestações religiosas, nas igrejas, nas romarias, no próprio arraial, com espaços para todos os níveis, a adoração ocorre nas diversas classes sociais. Um movimento que circula de baixo para cima e de cima para baixo, não só financeiramente, mas culturalmente. Essa circularidade vai além das misturas de classes, ela permeia os

relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial. Mostra a sacralidade do existir, dos seres com forças supremas, em locais ricos de beleza, e também trata dos escuros, das trevas, do bem e do mal, dos costumes de um grupo, de uma família, dos costumes para um nascimento ou funeral. Contam histórias verdadeiras, mesmo elas não tendo acontecido de fato para um grupo com um objetivo comum (1999, p. 09).

significados que cada rito, manifestação, símbolo e signo religioso, no saber individual ou coletivo do(s) romeiro(s), promesseiro(s), visitante(s) ou turista(s), dita valores concretos ou abstratos, o que é sagrado e o que é profano.

E ao longo dos anos, novos adornos foram incorporados ao arraial, como danças e músicas populares, contudo as autoridades eclesiásticas e a diretoria da festa tem tentado evitar os excessos e manter o equilíbrio nesta parte profana da festa sem perder seu caráter religioso e sagrado, criando essa amálgama que é o Círio de Nazaré: festa, sagrado, profano e divino.

- **A ROMARIA FLUVIAL: A PROCISSÃO NAS ÁGUAS**

A romaria nas águas foi uma criação do então presidente da Companhia Paraense de Turismo (Paratur), na época, o jornalista Rocque, duzentos e onze anos depois do primeiro círio, em 1986. Uma procissão de barcos dos mais simples aos mais incrementados, com vários níveis de classificação fluvial que participam não só da romaria, mas do concurso de melhor barco ornamentado com a temática da santa, assim com também participam as empresas de turismo, com seus barcos temáticos e ambientados com toda cultura paraense e uma linda festa na beira da baía do Guajará.

Esse evento marca a devoção e presença dos pescadores na festa maior, uma das mais bonitas homenagens, que termina na escadaria do porto e dá início à romaria das motos. Com o fim da romaria, iniciam-se as festas dentro dos barcos de passeio, com café da manhã e danças típicas, assim como na própria Estação das Docas e Ver-o-Peso. Trata-se de outro momento em que o profano e o sagrado se unem, sagrado enquanto enaltece o divino, ao totalmente outro ali presente na imagem de Nossa Senhora de Nazaré, e profano com o comensalismo comercializado depois da romaria.

- **A FESTA DAS FILHAS DA CHIQUITA**

Desde 1978, realiza-se essa festa fora do poder e repudiada pela diretoria da festa e pelas autoridades eclesiásticas. Ocorre em frente ao Bar do Parque, sempre às vésperas do Círio, com os famosos prêmios “Veado de Ouro” e “Rainha do Círio”. Conta com a participação de artistas locais, com diversas referências à Nossa Senhora de Nazaré como forma de resistência, de contestação, de reconhecimento social e garantia de espaço pelos homossexuais. Inicia após a passagem da transladação noturna da santa, reunidos homossexuais e simpatizantes da sociedade paraense. Ela faz parte das inúmeras celebrações do Círio, e atrai um número significativo de participantes, romeiros e fiéis que ficam ali depois da transladação, principalmente os promesseiros noturnos (calouros). Outro momento que consagra o caráter sagrado/profano dessa majestosa festa popular religiosa.

- O ALMOÇO DOS PARAENSES

Não existe na história da devoção à santa, no seu mito, algo relacionado à comida, entretanto, o almoço do Círio foi criado pelos devotos como “prêmio” após um dia de

caminhada, força e fé. É considerado um dos maiores momentos da festa, o qual, tradicionalmente, é servido após a chegada da santa à Igreja de Nazaré. É um símbolo vivo de confraternização e convivência, um evento social, voltado para reunir a família e amigos, o Natal paraense, uma vez que os mesmos sentimentos de fraternidade, compaixão, união e amor surgem em todos que vivem essa grandiosa festa. É profano por reunir todos numa grandiosa festa regada de comidas típicas, bebidas e dança que percorrem bem mais que o entardecer do segundo domingo de outubro. E sagrada, sim, sagrada, pois em nenhum momento se deixa de agradecer a ELA, que proporcionou todo esse momento religioso e espiritual de união familiar.

É nele que se agradecem as graças alcançadas como na ceia de Natal, que se fazem novas promessas e planejamentos futuros. Reencontros de parentes distantes que aparecem no mês de outubro, visita de amigos íntimos e especiais, de todos com um foco “Salve Nazinha! A Mãe dos Paraenses!”. Um momento especial com comidas especiais, preparadas impreterivelmente para essa ocasião, maniçoba e pato no tucupi nunca podem faltar. O almoço do Círio marca a abundância e a prosperidade da família que o oferta a seus convidados: “O comer junto, o compartilhar da tradição ganha o caráter de um símbolo e a força de ritual. É uma dimensão do Círio que promove a consolidação dos vínculos sociais bem como promove o sentido de pertencimento e de identidade” (FRUGOLI & BUENO, 2014, p, 151).

- A QUEIMA DE FOGOS

A famosa queima de fogos que ocorre no último domingo da quadra nazarena marca o término das procissões e romarias noturnas à Nossa Senhora de Nazaré, com uma missa solene no altar-monumento da Praça Santuário em frente à Basílica de Nazaré, encerrando-se as comemorações noturnas com a tão esperada “queima”. O largo e o arraial, assim como os espaços no seu entorno, ficam “cheios” de grupos familiares, de amigos, casais, que, ao mesmo tempo, agradecem por estarem presentes naquele momento eterno, fazem seus pedidos e promessas para o Círio do ano seguinte. O ano novo ciriano termina e inicia um novo ciclo. O ritual nesse evento é igual ao que se vive no ano novo, é à meia-noite a queima, todos se abraçam e desejam ao próximo votos fraternos, assim como a comemoração, regada de cantorias, comidas e bebidas. No dia seguinte, o Recírio, a celebração da subida, momento em que a imagem volta à sua morada acima do altar da

capela-mor da basílica. No calendário do paraense, é feriado até o meio dia. Mais uma vez, o sagrado une-se ao profano, as experiências religiosas se misturam entre romarias e festas típicas carnavalescas, com danças e músicas da cultura paraense.

3. Considerações finais

Ao longo dos anos, décadas e séculos de adoração, fé, tradição e devoção popular, observou-se que a festa religiosa do Círio de Nazaré oscila na maioria, senão em todas, das manifestações, entre as dimensões do sagrado e do profano, agregando valores concretos e abstratos aos seus participantes, cristãos ou não. Relações sociais de afeto são criadas nesse período, espaços são sacralizados, locais por onde a **Nazica** caminha. O tempo, o clima, o **todo** muda com a presença dela, a cidade se veste para recebê-la, a verdadeira e única *Majesta* dos paraenses. O povo se arruma e se organiza para esse evento, principalmente para o almoço do círio, um dos momentos mais emblemáticos, no qual barreiras e fronteiras são diluídas entre as dimensões do divino e do santificado, uma identidade se constrói e é repassada como herança cultural aos novos devotos ou só pertencentes à tradição paraense. Assim, pode-se constatar que a celebração nazarena vai além da experiência religiosa que o *homo religiosus* vive, é uma integração entre o sagrado/profano nos espaços da festa: no arraial, em meio às comidas, danças, brincadeiras e jogos; na festa das filhas da Chiquita, totalmente profana, mas que a sua maneira celebra o respeito dos excluídos à **Nazica**; o almoço do círio, momento de agradecimento e benevolência carregado de comensalismo e festança; encerrando com o que se chama de **Ano Novo Ciriano**, com a queima de fogos à meia noite do último domingo da quadra nazarena, fechando e iniciando um novo ciclo na vida dos devotos, organizadores e do próprio povo paraense.

Esses momentos da romaria, ao longo dos anos, passaram a ser tradição da festa, uma memória herdada e construída com o oral e visual, a partir de fatos sociais, relações dos indivíduos com o grupo cultural religioso. Os acontecimentos, lugares e personagens da história do Círio, inserem-se no cotidiano do sujeito sociológico de tal modo que esse passa a se sentir no momento, a recordar fatos do cenário político, econômico, social e cultural.

O achado de Plácido ou os milagres de Maria, evento de séculos atrás, representados não só na romaria principal, mas nas peças de propaganda, nos fiéis com suas homenagens ou penitências (a tradição de vestir as crianças como anjos ou marinheiros). Essa memória coletiva, que se constrói da união das lembranças históricas e do sujeito, herdadas de determinado grupo, contribuem para criação da identidade dos indivíduos para o senso de igualdade entre os membros, e determina as fronteiras entre as demais comunidades e sujeitos, conseqüentemente, surgem “comunidades de sentimentos” no Círio, sejam na presença da santa ou em representações dela visuais, sonoras e materiais.

4. Referências

- ALVES, Isidoro. **A festa da alegria, da identidade e da paixão.** In: FIGUEIREDO, Silvio L. (Org.). *Círio de Nazaré, festa e paixão.* Belém. EDUFPA, 2005. ISBN: 85-247-0286-9.
- AMARAL, R. de C. de M. P. **Festa à Brasileira:** significados do festejar num país ‘que não é sério’. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- BONNAR, Mizar. **Dois séculos de fé. Belém, Pa.** Editora CEJUP, 1993. 119 p.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **Aspectos do mito.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FIGUEIREDO, Silvio L. **Círio de Nazaré: festa e paixão.** In: FIGUEIREDO, Silvio L. (Org.). *Círio de Nazaré, festa e paixão.* Belém. EDUFPA, 2005. ISBN: 85-247-0286-9.
- FRUGOLI, R; BUENO, M. S. **o Círio de Nazaré: relações entre o sagrado e o profano.** Turismo & Sociedade. ISSN: 1983-5442. Curitiba, v.7, n. 1, p. 135-155, janeiro de 2014. Dossiê: Megaeventos. Disponível em <<http://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/37146>>. Acesso em: 15/09/16.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Laurent Léon Schaffter. Editora Vértice, edição 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomas Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- IPHAN. **Dossiê IPHAN I: Círio de Nazaré.** Rio de Janeiro. ISBN: 85-7334-024. 2006.
- LATIF, L. **A travessia de um mito de origem amazônico:** o Círio de Nazaré entre o moderno e o pós-moderno. *Novos Cadernos Naea.* v. 17, n. 2, p. 23-52, dez. 2014, ISSN 1516-6481 / 2179-7536.
- MAUÉS, R. Heraldo. **Cristianismos amazônicos e liberdade religiosa: Uma abordagem histórico-antropológica.** (IN): *Antropolítica Niterói*, n. 9, p. 7–24, 2ºsem. 2000.
- _____. **Outra Amazônia:** os Santos e o catolicismo popular. *Norte Ciência*, vol. 2, n. 1, p. 1-26, 2011.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento e Silêncio.** *Estudos Históricos.* Rio de Janeiro, v. 2, n.3, 1989, p. 3-15.
- _____. **Memória e identidade social.** Tradução Monique Augras. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- OTTO, Rodolf. **O sagrado.** Lisboa. 1900. Edições 70, Brasil, LTDA.
- RAMOS, José Maria Guimarães. **A aparição da imagem de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará:** análise da manifestação do sagrado na Amazônia. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Pará. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Belém, 2015.

RIOS, Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. (In): Revista Intratextos, 2013, vol 5, no1, p. 1-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>.

ROCQUE, C. **História do Círio e da Festa de Nazaré**. 1ª ed. Ampliada. Belém. IOE, 2014.

SILVA, Glauce V.; PONTES, Altem N.; BATALHA, Sarah S.A.; BENTES, Roberto S. **Turismo Religioso: estudo do impacto econômico do Círio de Nazaré na cidade de Belém, Pará**. Revista Turismo: Visão e Ação. Eletrônica, Vol. 16, n. 2. Mai-Agos. 2014. Disponível em <www6.univali.br/seer/index.php/rtva/article/download/7728/4412>. Acesso em: 15/09/16.

SOBRE AS AUTORAS

Willa da Silva dos Prazeres

Mestra em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará. Especialista em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agroambiental pelo Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares, Graduada em Turismo, ambas as formações pela Universidade Federal do Pará. Atualmente é Pesquisadora dos Grupos de Pesquisa: Arte, Religião e Memória – ARTEMI da Universidade do Estado do Pará, na Linha de Pesquisa: Saberes da Oralidade e Sacralidade da Terra; e do Grupo de Estudos Indígenas na Amazônia – GEIA, da Universidade do Estado do Pará.

<http://lattes.cnpq.br/2944521998820955>

Lídia Maria da Costa Valle

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Dissertação intitulada - Bruxaria Moderna: Uma análise hermenêutico-fenomenológica de uma nova religião. Atua na pesquisa de fenômenos religiosos que envolvam Magia e Religião, Ciência e Religião, Misticismo Quântico, Nova Era e Religiões Neopagãs, com enfoque na Bruxaria Moderna, Wicca e Sagrado Feminino. Participa do Grupo de Pesquisa Arte, Religião e Memória - ARTEMI (UEPA). Licenciada Plena em Ciências Naturais - Habilitação em Física pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) no ano de 2015. Tem experiência na área de Ciências Naturais, com ênfase em Física. Atuou na área de Ensino de Física e de Ciências nos seguintes temas: atividade experimental, letramento científico, ensino-aprendizagem, popularização das CTS (ciência, tecnologia e sociedade), interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

<http://lattes.cnpq.br/7723411269976310>

Denise Santos de Figueiredo Vale

Mestra em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará – PPGCR/UEPA. Licenciada em Letras - Língua Portuguesa - pela Universidade Federal do Pará - UFPA. Professora AD 4 na E.E.E.F.M. Dr. Antônio Teixeira Gueiros. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em projetos educativos, atuando principalmente nos seguintes temas: Amazônia, Literatura, História e Identidade.

<http://lattes.cnpq.br/3905552367443657>

Recebido: 16/06/2020

Aceito: 24/07/2020